

NOTA SOBRE POESIA *Jorge de Lima*

Esta é a terceira nota que escrevo sobre o “Visionário” do poeta Murilo Mendes. As duas outras, deliberei destruí-las por se ressentirem de comuns elogios e numerosas citações. Eram pedagógicas e pretendiam esclarecer o meu público sobre as excelências deste grande poeta, o que valia uma imensa pretensão, pois Murilo Mendes é demonstrável por si mesmo, real por seu valor indepreciável, portanto insubmersível e inegável. Demais não tenho pretensões a crítico.

A presente nota representa assim uma das reações que o seu livro me despertou.

É muito difícil escrever sobre boa poesia ou guiar-se no julgamento de poetas como este, por decididos métodos. Não podemos muitas vezes classificá-los. Mas, abstraindo os numerosos grupos e subgrupos em que tentaríamos encaixar estas tão complexas tendências, poderíamos, para ensaiar uma ordem taxinômica, agrupar as duas mais significativas categorias em duas seqüências quase definidas.

Algumas vezes agem como verdadeiro poder gerador de vida, abrolhando de si os germes em potencial por eles mesmos criados ou consumidos, mas renovados para o mundo exterior: desdobram os seus conteúdos emotivos, realizam as virtuosidades da sabedoria intuitiva, como o espírito dos iluminados que durante uma série indefinida de gerações, engendra uma teoria de roteiros e de descobertas encadeadas em linhagem em que todo o futuro está desvendado, podendo, entretanto, ser reconduzido à sua sinopse inicial.

É assim que procedem determinadas espécies biológicas relativamente a reações de sobrevivência, estendendo ao infinito a sua evolução interior.

Num caso paralelo temos o poema, o poema cíclico, ou a seqüência poética que poderá ser aparentemente fragmentada em obras sucessivas.

Algumas vezes, em sentido inverso, eles se condensam, fragmentando-se em vários núcleos ao invés de se desdobrarem uníssonos; a atitude do autor não é mais a do semeador que, com o gesto largo lança o grão em todas as jeiras, mas antes a do desejo de reunir de todos os seus campos, de todos os seus horizontes, de todos os instintos e de todas as consciências, as energias esparsas, para difundi-las em átomos psíquicos cuja força aumentasse seu poder de expansão indefinidamente em variados focos.

Pode-se assim, partindo destas duas tendências, considerar o universo poético, vendo-o progressivamente sair do seu magma original; vendo-o diferen-

ciar-se, estendendo sempre para mais longe seus infinitos horizontes. E, de todos os pontos periféricos, ainda os veria, para aglutiná-los em núcleo comum, onde suas virtualidades transfundidas manifestariam, sob a aparência de imobilidade, uma insuperável tensão, correspondente a todas as criações possíveis que o tempo realizaria em ilimitada rota, no espaço e na duração.

Ainda poderíamos enquadrar na primeira tendência as experiências poéticas que se ultrapassam em duração; na segunda, o pendor para reduzir as dimensões do poema, que por fim se resumiria à expressão supra-realista da composição, o pressentimento, o limiar do silêncio, ou fases, episódios, ações idênticas, adventos.

Assim sendo, quando o poeta se contenta com modificações de forma, obtém resultados relativos, temporais; mas se, ao contrário, suas inovações têm um interesse durável, pressagiando mudanças reais, na poesia, capazes de tornar a dar-lhe novo impulso, de descobrir-lhe projeção futura, voluntariamente ou não, acreditando talvez só tocar na forma sem lhe conceder nenhuma primazia, atingem o íntimo das coisas, as fontes e a essência das criações verdadeiras.

Ainda aqui divisamos mal-entendidos. A arte tem seu papel, suas exigências, e dispõe de meios próprios para atingir suas metas independentemente de contenções objetivas. Entretanto, não pode dispensá-los de todo. Que pensar-se de um pintor que, desejando dar uma impressão mais viva de um retrato, de uma paisagem, de uma natureza morta, reduziu-se ao extremo a contribuição do desenho e da cor? Determinados movimentos artísticos foram tentados por uma tal concepção: o exagero do suprarrealismo deu nisso; a caricatura limita o retrato às linhas essenciais, um mínimo de traços sobre um máximo de ambiência. Porém, tudo não passa de caricatura, isto é, uma forma inferior, quase invertida da arte pictural. Pensaríamos, da mesma maneira, sobre a música, que, evidentemente, não pode dispensar suas contingências para nos encantar e nos conduzir fora de nós com os sons. Mas será verdadeiramente um homem de sabedoria o pintor que, sobre superfícies coloridas, povoadas de massas e de movimentos, consegue intercalar espaços ritmadamente inócuos, que, contrastando com o ambiente tomam uma significação viva em relação com o conjunto; do mesmo jeito o compositor ao conduzir progressivamente o auditório a estas pausas intercaladas em que as notas são mais uma espera do que sons, mais promessas que realizações.

E, esta alternância da ação intensa e de pausas, de exuberante expansão e retraimento, fazendo planar sobre a composição pictórica, sobre as vozes que cantam o mistério da vida interior, é mais que técnica, é técnica superior sem

ser forma preconcebida. Adivinha-se, além disso, que é o pensamento do artista, a consciência reagindo sobre o universo, que intervém afinal para a supremacia do fundo sobre a forma. O poeta ainda uma vez assume maiores responsabilidades do que as exigidas ao prosador; o poeta reveste sua linguagem com ritmos próprios, interiores ou exteriores, de tal forma que seus despojos são ainda, por um requinte de opulência, revestimentos. É, portanto, sob a premência de pôr em seus versos toda a música e toda a pintura real e supra-real e de inundá-los de desejos sempre insatisfeitos, que pode fazer obra supra-tempo: deve ele pois saber usar essas alternativas de ricas orquestrações e de pausas, onde a alma, anelante pelo que acaba de ouvir, fica suspensa, angustiada, pelo que em seguida lhe será revelado.

É por isso que de um momento poemático para outro, ou de um clima espiritual para outro, a atenção do leitor fica entretida numa contínua espera, que é prazer e desgosto, sofrimento e volúpia angustiada.

A vida do poeta deve ser um mistério que se fecha e se entreabre, que se entrega para melhor se recusar, e que põe nessa recusa tantas confidências esboçadas, tantas expressões silenciosas, desejadas pelo que ocultam, pelo que expõem e significam. Ser-nos-ia fácil apontar algumas obras-primas tomadas como exemplos, em que a duração é presente em relação a uma seqüência política: a extensão pode ser breve e a brevidade pode parecer interminável. Sabe o verdadeiro artista insinuar as suas falas inarticuladas que se encobrem às palavras gritantes. Consegue entrelaçar a idéia clara, traduzida em expressões perfeitamente inteligíveis com sugestões pelas quais o espírito do leitor se sentirá suspenso. Tanto mais quanto só é permitido ao verdadeiro leitor de poesia, entrever, adivinhar o que lhe resta compreender, além do que consegue captar.

Tal contínua excitação da curiosidade, que se nutre na persistente insatisfação, aumenta a sensação do desconhecido, e faz progredir a tensão interior do espectador em perseguição à ânsia do poeta com que se encontra para perder-se, para tornar a descobrir-se e ultrapassar-se indefinidamente.

A poesia por suas flutuações, oscilando do cotidiano à arte transcendente ou pura, testemunha inquietações e aspirações reveladoras do pressentimento que ela encerra dos mundos em formação ou desorbitados.

A transcendência que deve saturar de mistério todo grande e verdadeiro poeta, impele-o a ultrapassar-se em dois sentidos. Se se trata de revelar através de suas formas e suas manifestações, o real que nós percebemos, é preciso transpor as aparências e os limites, de maneira a conduzir-nos para outras di-

mensões do universo que dá a este mundo seu sentido inconsútil, e daí às fontes de vida universal de que a nossa é um elo de cadeia eterna.

É este alargamento de nossa emoção tornada consubstante e simultânea a tudo o que é, que o torna capaz em nossa existência local, no círculo de nossas percepções imediatas, de descobrir sua verdadeira soma, causas profundas, significações e identidades.

Se pretendemos, ao contrário, conhecer o que somos no íntimo do nosso ser, neste universo imperceptível aos sentidos (aos sentidos tão próximos!), então deveremos, como na hipótese precedente, não nos deixar ficar no exíguo plano em que o nosso eu se contrai; retraindo-se do mundo exterior, refugiar-se-ia em si mesmo, na solidão em que se adstringe, tornando-se a sombra do que realmente é uma espécie de impersonalização.

Além do nosso eu superficial, existe um eu profundo, como além do universo acessível aos nossos sentidos, há, encoberto pelas aparências, outro real, oculto aos olhos de nossa percepção. É este universo que impele a nossa ânsia de sabedoria fora da esfera enfronteirada dos instintos. Daí provém a humana fome de conhecimento e o motivo porque jamais nos cansamos de viver na intimidade da nossa luz universal de Deus. Os pequenos consolos que a ciência e a arte nos concedem com tanta parcimônia, despertam regularmente em nós o sentido do mistério que nos cerca e do mistério que somos para nós mesmos. Sejam quais forem as nossas possibilidades, eles nos esbarram na constante convicção de que o que temos explorado nada é comparado com o que nos resta sondar ainda. Simultaneamente a transcendência age em nós de modo positivo, impelindo-nos a nos exceder e a alargar nossas certezas e experiências, nossos horizontes, a ultrapassar os nossos níveis, as nossas idéias; mas no momento em que ela nos dá a sensação de haveremos atingido o limiar de um plano sempre ascendente, parece-nos que este limiar precisamente ainda está por descobrir.

Compreendo que o “Visionário” de Murilo Mendes é um elo de sua poesia cheia da mais cristalina forma formalística e da mais luminosa forma de pensamento profundo e pura essência. Não há nela nenhum hermetismo, mas transcendência, e este mistério que nos cerca e que somos para nós mesmos. Vejamos que este poeta consegue transformar o cotidiano em duração, infundir lirismo à quimicidade e à mecanicidade do mundo (a palavra Lisol, Bonde, camel, etc), alterar as coisas fixas com bastante relatividade, multiplicar a criatura e ultrapassá-la, com as visões que são como as nossas sombras interiores. Mas sempre pressagiando mudanças, desdobrando conteúdos, distribuindo

sabedorias e adventos, lançando grãos em todas as jeiras! Grande compositor e grande regente, é elegante e musical, tem gestos largos e sabe rir um tanto compadecido de várias pequenezas.

Escrevendo esta nota identifiquei-o com a própria Poesia: realmente são a mesma coisa.

Jornal *A Manhã*, 31.7.1942.

